

La biblioteca de Babel

Uma conversa com Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski

Daniel Steegmann Mangrané*

Michelle Farias Sommer**

Inspirado no conto do escritor argentino Jorge Luis Borges, de 1944, nomeamos esse encontro, realizado em um fim de tarde de verão de 2014, no Rio de Janeiro. Em formato discussão livre, quatro vozes polifônicas sobrepõem práticas em antropologia, filosofia, artes e curadoria, para discutir o fim do mundo, esse tema aparentemente interminável, “pelo menos, é claro, até que ele aconteça”. O contexto dessa discussão deriva-se do “*Colóquio Internacional: Os Mil Nomes de Gaia: Do Antropoceno à Idade da Terra*”¹, concebido por Bruno Latour, Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, ocorrido em setembro de 2014, concomitante ao lançamento do livro *Há um mundo por vir? Ensaio sobre os Medos e os Fins*, de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro².

A partir da oportunidade de troca generosa dos ensinamentos de Déborah e Eduardo – a quem Claude Lévi-Strauss, seu colega e mentor, definiria como o fundador de uma nova escola na antropologia – compartilhamos aqui os pensamentos daqueles que consideramos os mais inovadores pensadores brasileiros. Entre os narradores dessa experiência de aprendizado (entre os muitos “bibliotecários” possíveis), sugerimos como *start point* para esse encontro a exploração do tema do fim do mundo pela cultura contemporânea. Aqui, especulamos sobre alguma esperança acerca da perenidade da espécie e sua capacidade de superação, entre fantasias de colonização espacial e avanços tecnológicos utópicos; discutimos sobre o Antropoceno em um contexto midiático a partir da apropriação recente do termo pelas artes e um possível transbordamento teórico do conceito de “perspectivismo ameríndio” (Viveiros de Castro, 1996)³ para a arte, o que, em última instância encerraria uma dicotomia cara ao nosso campo: a distinção entre obra de arte (observada) e espectador (observador).

Enquanto esperamos a vinda de um “messias termodinâmico”, supomos que Maiakovski sorriria orgulhoso da nossa tentativa de manutenção de um “pessimismo alegre” frente ao fim do mundo. Se para o poeta russo é melhor morrer de vodka do que de tédio, substituamos a vodka pela cachaça para uma conclusão possível (ao menos por agora): é melhor morrer de cachaça do que de spray de agrotóxico plantando sementes da Monsanto.

* Artista espanhol. Vive trabalha no Rio de Janeiro: <http://www.danielsteegmann.info/>

** Doutoranda em História, Teoria e Crítica no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais / Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CNPQ. mihsummer@gmail.com

¹ <http://osmilnomesdegaia.eco.br/sobre>, disponível para acesso em janeiro de 2016.

² Danowski, Déborah; Viveiro de Castro, Eduardo. *Há um mundo por vir? Ensaio sobre os medos e afins*. Desterro – Florianópolis, Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

³ Viveiros de Castro, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Mana*, 2 (2), pp.115-144. Rio de Janeiro, 1996.

La biblioteca de Babel. A conversation with Eduardo Viveiros de Castro and Déborah Danowski

This encounter in a summer afternoon in 2014 brought together, in a free-form, four-part polyphony dealing with anthropology, philosophy, artistic and curatorial practices. The context for the discussion, named after Jorge Luis Borges' 1941 short story, was the international colloquium "*The Thousand Names of Gaia – From the Anthropocene to the Age of the Earth*", conceived by Bruno Latour, Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, which took place in the first week of September 2014 in Rio de Janeiro. Déborah and Eduardo's book, *Há mundo por vir? Ensaio sobre os Medos e os Fins* (Is there a world to come? An essay on fears and ends), came out at the same time. This publication makes it possible for all who were not there to partake in the generosity of their thought.

The narrators of this experience – two of several possible librarians – proposed start the conversation with an exploration of the theme of the end of the world in contemporary culture. What followed was a broad speculation on whatever hope there can be for the survival of the species, wedged between the prospect of climate change, fantasies of spatial colonisation and utopian technological advances; the Anthropocene in the media, and the concept's recent appropriation by the art system; and potential theoretical extrapolations of 'Amerindian perspectivism' (Viveiros de Castro, 1996) – on account of which Claude Lévi-Strauss described Viveiros de Castro as the founder of a new school in anthropology – for thinking about art.

While merrily awaiting the arrival of a 'thermodynamic Messiah', we imagined that Maiakovsky would look down smilingly on our proud attempt at maintaining a 'joyous pessimism' in the face of the end on the world. If the Russian poet thought it was better to die of vodka than of boredom, we replace vodka with cachaça to arrive at the provisional conclusion that it is better to die of cachaça than of pesticide poisoning while planting genetically modified Monsanto seeds.

Ao abrir o roteiro prévio para esta conversa, encontra-se o bilhete usado do filme de ficção-científica assistido na noite anterior: *Interstellar*, de Christopher Nolan, de 2014. Déborah também havia visto o filme na última semana. E começamos assim:

Eduardo: termina o mundo em *Interstellar*?

Michelle: não, os americanos, claro, nos salvam no final.

Eis o ponto de partida para abordar as discussões sobre o fim do mundo na cultura contemporânea. “O fim do mundo é um tema aparentemente interminável – pelo menos, é claro, até que ele aconteça”. Essa é a abertura do livro *Há mundo por vir? Ensaio sobre os Medos e os Fins*. Tomando registros do tema do fim do mundo pela cultura contemporânea, a discussão apresentada no livro aborda relatos imaginativos presentes principalmente no cinema e na literatura, além da filosofia. De um lado *Melancholia* (2011), de Lars von Trier, apresenta um evento que acaba com todos os eventos (o choque da Terra com o Fora absoluto) e o livro *The Road*, de Cormac McCarthy (2006), que narra o percurso de um pai e um filho em um mundo “residual” após um desastre planetário de causas obscuras. Ao representarmos o fim do mundo, parece que oscilamos entre a exuberância maníaca (sempre resta uma esperança acerca da perenidade da espécie e sua capacidade de superação) e a depressão melancólica do psiquismo humano.



Spiral Forest (kingdom of all the animals and all the beasts is my name), 16mm film, color, mute 11'42", 2013-2015. Still de video. Daniel Steegmann Mangrané.

PARTE I – sobre o fim do mundo, medos e afins.

Michelle - Há esperança de que alguma ação humana possa acarretar um *tipping point* da biosfera terrestre? Suponho aqui a incidência de uma ação humana que significasse realmente o momento de virada na situação em que vivemos.

Eduardo – Mas de uma forma positiva?

Michelle – Sim, uma virada positiva. Um final feliz.

Eduardo – Tirando a volta de Cristo?

[Risos]

Eduardo – Sim, podemos torcer pela vinda de um Messias que desça dos céus, um Messias termodinâmico para extrair todo o gás carbônico, todo o CO₂ da atmosfera e fazer a África ficar verde e chover em São Paulo. Tirando o milagre, sim, talvez houvesse esperança, mas teria que acontecer algo bastante diferente. A ausência de um acordo comum entre as grandes potências pode ser vista de uma forma positiva: demonstra que não é através do acordo de estados nações que nós chegaremos a um consenso para sair dessa situação. O que precisamos, de fato, é da insurreição popular dispersa no planeta.

Michelle – O meu pensamento imediato é pensar em uma ação política em nível global. Mas vou retomar aqui novamente o filme: *Interstellar*. Nele, o *tipping point* é resultante de uma grande descoberta física, que é o “buraco da minhoca”, onde reside a potência de transformação da humanidade associada a uma descoberta da física. Então, se pudesse haver uma grande descoberta hoje, realmente transformadora, qual seria?

Déborah – Poderíamos especular sobre a descoberta da fusão a frio, que permitiria a manutenção da espécie humana. Mas na verdade essa tecnologia ainda não existe, e, de qualquer maneira, qualquer tecnologia requer matéria. Ou seja, isso está muito próximo da ideia da vinda do “messias” do qual o Eduardo falou anteriormente: *pode ser* que ele venha...

Eduardo – Se supuséssemos que avanços tecnológicos utópicos poderiam acontecer, parece-me que o principal seria mesmo a fusão a frio atômica. Porém, a possibilidade de que isso venha a acontecer nos próximos anos é muito pequena. De qualquer maneira, ainda que você tivesse descoberto uma fonte inesgotável de energia, isso não resolveria uma quantidade enorme de outros problemas, como o envenenamento do solo por agrotóxicos e o aquecimento global, e muitos outros. Hoje, a nossa alimentação está baseada em bombas químicas de hormônios e antibióticos e nada disso, em princípio, seria resolvido caso houvesse uma fonte inesgotável de produção de energia.

Déborah – Retorno ao filme (*Interstellar*): a tecnologia que “salva”, exportando a espécie para outro planeta, na verdade não salva nada. Essa ideia recorrente de saída da Terra é completamente absurda, ou seja, achar que é mais fácil ir para outro planeta, procurar água, fabricar ar em Marte, do que viver nos ecossistemas mais hostis da Terra. É muito mais fácil reduzir o nosso modo de vida aqui mesmo.

Eduardo – Esse é um ponto central: todas essas fantasias de colonização espacial na verdade são fantasias de não mudar. De ir para longe para continuar fazendo a mesma coisa que aqui. Como é que podemos continuar detonando tudo? Indo para outro planeta, lá você pode fazer as mesmas coisas, só que em outro lugar. Esse é o mesmo complexo de colonização da América: não tem mais América? Acabou o Novo Mundo? Temos que achar um mundo novo, vamos para outro planeta porque esse aqui acabou. No ciclo iniciado em 1500, temos a Europa invadindo a América e um mundo inteiro novo que foi descoberto, cujos minerais, cujo trabalho escravo, o que foi plantado aqui alimentou a Europa e sua economia durante quinhentos anos. Agora, não tem mais uma América para ser “descoberta”. Então o pensamento é: vamos para outro planeta pra fazer a mesma coisa! Matar os marcianos, plantar, descobrir uma maneira de tirar água da Lua. Ora, isso não irá funcionar, e começamos aqui: não há tecnologia para isso e os planetas habitáveis são muito poucos.

Michelle – Acaba que é isso o que a gente vê agora: a recolonização da América.

Eduardo – Sim, exato.

Déborah – Mesmo em um deserto da Terra é mais fácil de se viver do que em qualquer lugar fora da Terra.

Eduardo – Marte, que em teoria é o lugar mais perto de chegar, é infinitamente menos habitável do que um lugar como o Saara, o deserto do Atacama, o deserto de Gobi. Os lugares mais inóspitos do nosso planeta são mais fáceis de viver do que modificar um outro planeta para torná-lo habitável. A Terra não vai acabar, evidentemente. Tem uma quantidade imensa de organismos que seguirão vivendo muito bem, como as bactérias e vários tipos de animais. No entanto, não é que o mundo humano irá acabar, é que ele irá piorar. Os camponeses pobres de Bangladesh, por exemplo: o mundo já acabou eles; o que eles têm, a terra deles, está sendo comida pelo mar que está subindo, pelas enchentes gigantescas que acontecem uma vez por ano com as monções, as pessoas vivem miseravelmente e, com sorte, a próxima geração irá trabalhar em uma rede de shopping gigantescas da Zara. Esse tipo de situação, que é para nós o fim do mundo em sentido metafórico, já aconteceu e está acontecendo para cinquenta por cento da população mundial, talvez mais.

Déborah – Ou seja, o que haverá é uma generalização para o mundo todo do que já acontece em parte do mundo.

Eduardo – Eu acredito que o mundo vai acabar sim: esse mundo ocidental. Esse mundo que podemos dizer que começou em 1500, com a descoberta da América; ou em 1750, com a Revolução Industrial; ou mesmo antes, no ano zero com Roma. Tudo depende de onde você quer começar a contar. De qualquer maneira, é essa tradição, a nossa tradição chamada de cultura ocidental, cristã, de origem mediterrânea, que pode estar chegando ao seu momento limite em termos de influência cultural e de poder político.

Daniel – Mas terá que ter um momento, um *tipping point*. Eu lembro de uma entrevista sua, Eduardo, na qual você dizia que, se pudéssemos confiar em algum conhecimento, deveríamos confiar em um indígena para sobreviver nesse mundo que está por vir, pois eles já estão, há muito tempo, nesse momento.

Eduardo – Exatamente. Se Deus aparecesse e dissesse: “Acabou o petróleo, acabou a energia elétrica, e desaparecem também todos os produtos químicos que vocês usam” – se um milagre assim acontecesse, quem é que sobreviveria? Gente como os índios. Por quê? Porque eles conseguem sobreviver sem nada disso. Se você jogar de paraquedas um índio e um americano formado em Harvard na Amazônia, quem vai sobreviver? O índio.

Podemos dizer que essa é uma “vida boa”? Depende. Entendo os índios como todos que conseguem sobreviver em condições não luxuosas. Índio é aquele que consegue se virar, consegue fabricar o que precisa a partir de qualquer coisa. Um humano sem nenhum instrumento, sem nada, não sobrevive na Amazônia, na selva; mas se ele for um índio, vai saber fazer um arco, uma flecha, vai conseguir fazer fogo. Então isso pode ser uma metáfora para uma coisa mais geral. Os pobres são os primeiros a serem atingidos pela crise ecológica, mas, se a coisa for realmente grave, é provável, também, que sejam eles os que melhor irão sobreviver. Eles já estão acostumados com o fim do mundo, sabem como é viver em um planeta péssimo. Basta ir a qualquer favela em São Paulo pra você ter uma ideia de como é viver em um planeta horrível, poluído, sem água, violento, imundo, sem esgoto. Na periferia de São Paulo, o mundo já é pós-apocalíptico. Aí você pergunta: “O mundo vai acabar?” Pois bem, o mundo já acabou para essas pessoas. Uma parcela considerável da população já vive em um pós-mundo, essas pessoas já estão em um “*The Road*”.

PARTE II – sobre o Antropoceno (e o Antropoceno como “tendência artística”).

Michelle – Pensando nas discussões atuais propostas pelo campo artístico, principalmente em exposições contemporâneas, o Antropoceno está em pauta. Tomando dois exemplos recentes: o tema da Bienal de Taipei 2014-2015, curada pelo teórico francês Nicolas Bourriaud, é “*The Great Acceleration: Art in the Anthropocene*”, em que o ponto de partida é a proposição de “um diálogo entre o *western* e a filosofia asiática” em torno da noção de sujeito humano e de um novo ecossistema da arte. Em paralelo, o centro alemão HKW (Haus der Kulturen der Welt), em Berlim, desenvolve desde 2012 “*The Anthropocene project*”, com uma extensa programação de eventos, que têm como premissa manter uma exposição aberta “*in process*” sobre essa possível mudança de paradigma na condição humana no nosso tempo, investigando “*How is planet Earth becoming an object of planning?*”. Vocês já se depararam com alguma forma de “arte messiânica” ou “arte profética”, que tenta tornar produtivas as ações humanas destrutivas, inserindo a discussão sobre o Antropoceno em um contexto midiático como uma tendência artística?

Eduardo – Acredito que a discussão sobre o Antropoceno pela arte pode contribuir para evitar a cientifização da discussão. Evita conduzir a discussão como se o Antropoceno fosse se desenvolvendo e fosse sendo resolvido pela ciência, para a ciência, pelos cientistas: “vamos deixar isso nas mãos dos cientistas, eles vão tomar conta de nós e vão nos tirar dessa”. Obviamente eles não vão nos tirar dessa sozinhos, eles não existem sozinhos, eles estão na verdade muito mais controlados pelo grande capital do que os artistas, por exemplo. Nesse sentido, a arte é fundamental para evitar que a discussão se dê somente entre a ciência e a política.

Daniel – Pergunto-me até que ponto um trabalho de arte pode ser um trabalho engajado, quais são os seus limites. Talvez essa questão esteja próxima da discussão acerca da separação entre ambientalismo e ecologia. Por exemplo: o ambientalismo pode facilmente ser usado pelos mesmos interesses econômicos que estavam acabando com tudo, dizendo: “Olha, isso aqui é reciclado! 100% reciclado!”. Mas nada está sendo proposto para mudar a lógica da destruição; já o pensamento ecológico é algo mais complexo.

Déborah – Esse é o ponto da sustentabilidade. Qualquer coisa agora pode ser “sustentável”, até um investimento na bolsa de valores.

Michelle – E haveria um bom Antropoceno?

Déborah – O bom Antropoceno seria a interpretação que diz que nós “finalmente” chegamos na Época do homem.

Eduardo – O “bom” aí pode ter várias interpretações. Desde as mais delirantes, no sentido *science fiction*, de que, por meio da tecnologia, o homem se tornaria independente de problemas materiais, que atingiria a capacidade de se tornar imortal, transcendendo os limites orgânicos, biológicos e ecológicos; até você dizer que a tecnologia humana vai finalmente conseguir domesticar o planeta, como se a natureza fosse algo perigoso, que atrapalha o homem.

Déborah – Há também a ideia de que é a própria tecnologia que vai resolver os efeitos colaterais “indesejáveis” criados pela tecnologia. O aquecimento global, por exemplo, é um efeito colateral do desenvolvimento tecnológico, mas “nós”, melhorando a tecnologia (descobrimos a fusão a frio, talvez, ou como capturar todo o CO2 emitido), seremos capazes de resolver esses “pequenos” problemas do lixo atômico ou do aquecimento global. Ou os agrotóxicos: eles têm muitos efeitos indesejados, claro, são venenosos, mas ainda vamos inventar um agrotóxico só um pouquinho venenoso. E afinal, o que é pior: morrer de fome ou comer alimentos “levemente” venenosos? Em outras palavras, basta seguirmos em frente com o projeto modernista que viveremos felizes para sempre em um capitalismo melhorado.

Eduardo – O bom Antropoceno é a ideia de que existe um Homem que tende ao progresso, um Homem que vai sair dessa pela sua inventividade, pela sua criatividade. O que nunca fica claro é a resposta para esta pergunta: mas ele pode sempre sair dessa? A inventividade pode tirar você de qualquer problema? Por isso é tão importante o imaginário da viagem espacial, porque, se você diz que “não tem como sair da Terra”, que é tecnicamente impossível a humanidade colonizar outro planeta, que não há tecnologia capaz de sustentar 10 bilhões de seres humanos num planeta com escassez de água, então o problema do limite,

do limite do crescimento, da aceleração da população, da poluição, se torna muito mais próximo. A fantasia de *Interestelar* é uma fantasia confortável porque nos dá a falsa esperança de que vamos (alguém vai) conseguir sair da Terra.

Déborah – A esperança de que alguém vai se salvar, de que a Tecnologia vai nos salvar, ou o Estado, qualquer coisa que não seja nós mesmos aqui embaixo.

Eduardo – Como disse Clive Hamilton, nós só vamos fazer alguma coisa quando perdermos toda esperança. Enquanto isso, a esperança é um narcótico que impede a ação porque supõe que alguém vai fazer alguma coisa no seu lugar. Você não tem esperança em você, mas tem esperança no outro, porque as pessoas (os outros) não vão deixar as coisas chegarem a esse ponto, não é? Não é você. A capacidade de auto-ilusão da espécie humana é imensa. E também é imensa a capacidade de adaptação da espécie humana a situações péssimas. Uma coisa de que geralmente não nos damos conta é como conseguimos viver em condições cada vez piores: se a mudança é gradual, é possível nos adaptarmos a quase tudo. Nossos pais, por exemplo, viviam melhor do que nós sob vários aspectos: a qualidade do ar, o tempo que levavam para chegar no trabalho, o tempo livre que tinham. Mas, pouco a pouco, nos acostumamos a viver em apartamentos cada vez menores, a passar cada vez mais tempo no trânsito. E você se adapta, você nem se dá conta de que está vivendo hoje em tais condições. Por quê? Porque existem as outras coisas que nós pensamos que compensam. “Puxa, mas isso aqui compensa...” Enfim, como não há quem resolva as coisas para nós, acredito que não teremos soluções globais.

PARTE III – sobre experiências de quase morte

Daniel – Voltando ao pensamento indígena, eu estava pensando em uma entrevista que o Eduardo deu em que ele falava da experiência da quase morte como a possibilidade de uma mudança ontológica, como um novo paradigma.

Eduardo – É o quase morrer, o quase acontecimento.

Daniel - Então, a pergunta é: é preciso a catástrofe? Ou só a ideia do quase morrer pode ser suficiente?

Eduardo – Eu acho que a experiência do quase morrer que tivemos historicamente foi a crise nuclear dos anos sessenta. Temos a impressão de que acabou a ameaça nuclear porque houve um movimento político antinuclear, uma pressão internacional, a partir da qual, finalmente, nós conseguimos desmontar a ameaça nuclear. Mas, na verdade, as bombas continuam aí: há o suficiente pra destruir a Terra várias vezes. Os Estados Unidos continuam tendo armas nucleares, Israel tem, o Paquistão tem, o Irã talvez tenha.

Déborah – É aí que as coisas se complicam, porque podemos nos perguntar: quem são os agentes envolvidos de um lado e do outro desse quase

acontecimento? Essa quase morte, é um quase por quem e pra quem? A mesma coisa com a catástrofe climática. Quem quase mata e quem quase morre aqui? A espécie inteira? Em que medida não é todo mundo, e em que medida são também outras espécies? É difícil dizer. Quando é um caçador que está no mato e encontra a onça, ali você sabe quem está de um lado e quem está do outro, quem vai ser ontologicamente capturado por quem; mas em relação à crise climática é todo mundo e ao mesmo tempo não é ninguém. Ou são uns mais do que os outros, uns antes dos outros...

Michelle – A crise climática não tem sujeito.

Eduardo – A crise climática como problema não existe para o mundo inteiro. Vejam esse exemplo: uma jornalista argentina conversou comigo na semana passada e me disse que mudança climática não existe na Argentina, que ninguém fala nisso.

Daniel – Nesse sentido, São Paulo é o melhor lugar do Brasil pra acabar a água, para as pessoas começarem a pensar e a debater o assunto.

Eduardo – Se na Argentina as pessoas não falam nesse assunto, eu imagino também que em várias outras partes do planeta a questão não se coloca. Nos Estados Unidos, o que eles querem com a mudança climática é: vamos mudar para que tudo permaneça igual. Mas para realmente causar menos destruição, você tem que mudar completamente o modo de vida, e isso não há governo que aceite: não existe capitalismo sem crescimento contínuo.

Michelle – Sim, mas crescimento contínuo não é sinônimo de igualdade.

Eduardo – Exatamente. Em segundo lugar, o capitalismo é um sistema econômico criado para produzir; e qual o objetivo da produção? É mais produção, então ele não pode parar de produzir. Mas até quando e quanto podemos crescer? Ninguém sabe, ninguém diz, não há nos modelos econômicos a ideia de crescimento zero. Se houver crescimento zero vai haver recessão, vai haver miséria: hoje, para as pessoas ficarem onde estão, é necessário correr o tempo todo. Esse é o problema do capitalismo: você corre para parar no mesmo lugar. Por isso, não é possível imaginar uma saída que não passe literalmente por uma catástrofe, para que se perceba o que já está aí: uma seca nos Estados Unidos que paralise todo o oeste americano, um verão na Rússia que arrase toda a plantação de alimentos, uma quebra de safra que mate milhões de pessoas de fome. Mas tem que ser num país desenvolvido, porque se morrerem milhões de africanos, ninguém vai perceber, tem que morrer milhões de americanos para isso.

PARTE IV – sobre hiper(quase)objetos, cadeias de mediação e outras derivações.

Daniel – Não seria aqui um bom lugar para pensarmos novamente o papel da arte? Essa dificuldade de pensar as mudanças climáticas (seu caráter de hiper-

objeto, como disse o Timothy Morton⁴) não poderia ser transformada de alguma maneira pela arte? Poderíamos pensar em um hiper quase objeto ou um quase objeto, uma realidade que pode ser imaginada, mesmo que de forma caricata.

Michelle – Se pensássemos essa possível ruptura entre observador e observado na arte, que é minha associação imediata, vencendo essa dualidade, criaríamos uma relação que, de fato, me parece horizontal e emancipatória, já que tudo é uma questão de ponto de vista (e possíveis inversões).

Eduardo – Penso também no Günther Anders e no seu conceito de supraliminar. Fugido da Alemanha nazista para o Estados Unidos, ao invés de ir trabalhar na universidade, ele foi trabalhar em uma fábrica, além de se tornar também jornalista. No livro chamado *O tempo do fim*, de 1972⁵, que utilizamos muito em nosso livro *Há mundo por vir?*, ele afirma que, com a invenção da bomba atômica, houve uma mutação metafísica da humanidade: ao se tornar capaz de destruir a si própria, a humanidade passou de espécie dos mortais a espécie mortal (no duplo sentido de mortal). E essa capacidade, essa possibilidade nunca vai acabar. Ela não pode ser desfeita. Esse acontecimento mortal sobre Hiroshima foi o início da ausência de futuro. A partir dali e para sempre (enquanto o mundo não acabar), viveremos numa prorrogação do tempo, no tempo do fim. Pois bem, Günther Anders sugere que há dois tipos diferentes de fenômenos: existem fenômenos que são psicologicamente subliminares, porque se dão abaixo do limiar de percepção, são muito pequenos ou praticamente imperceptíveis; e há os fenômenos supraliminares, que são tão grandes, tão inconcebíveis, que também não conseguimos perceber. A guerra atômica é um fenômeno supraliminar: nos tornamos capazes de fabricar a bomba atômica, mas não somos capazes de imaginá-la.

Déborah – De imaginar seus efeitos.

Eduardo – Imaginar a bomba no sentido de ter o conceito da bomba, esse é o problema. Anders nos diz: nós chegamos a um ponto em que somos capazes de fazer coisas que não somos capazes de imaginar. Isso é o contrário da utopia. Na utopia, ele diz, você é capaz de imaginar uma coisa que não é capaz de fazer – mas agora estamos em um momento inverso: somos capazes de fazer coisas que não temos condições de imaginar. É um pouco semelhante ao hiperobjeto: está acima da nossa capacidade de imaginação fabricar um objeto que destrói tudo, como a bomba atômica. Isso é inconcebível, mas a gente sabe fazer, não é? Essa é que é a grande questão.

Déborah – O ponto aqui é desproporção entre a causa e o efeito: nossas ações têm efeitos que hoje não podemos conceber. E como desdobramento desse processo, diz ele, precisamos de uma maldade cada vez menor para produzir um mal cada vez maior.

Eduardo – Ou seja, o cara que hoje aperta um botão nos Estados Unidos e mata dez milhões de pessoas no Irã não é mal, ele não está fazendo nada, ele nem sabe, não tem nenhuma relação com a ação. Antigamente, o sujeito, para matar alguém, tinha que sair com uma espada, cortar o pescoço do outro. E essa é a diferença em relação ao índio: o índio, quando vai comer um animal, tem que matar esse animal, abrir, tirar a barriga, tirar a pele; então ele sabe exatamente

⁴ Morton, Timothy. *Hiperobjects: philosophy and ecology after the end of the world*. University of Minnesota Press, 2013.

⁵ Anders, Günther. *Le temps de la fin*. Paris: L'Herne, 2007.

quanto custa a morte do animal em termos cosmológicos e psicológicos, já que mata o bicho pra comer. Já nós vamos ao supermercado, pegamos uma coisa congelada que nem sabemos se é bicho, e tudo vira a mesma coisa...

Michelle – Quando você estava falando dos índios, eu pensei nessa relação que eles estabelecem com o hiperobjeto, de perceber uma relação cosmológica entre todas as coisas. Um dos princípios fundamentais do budismo – a interdependência entre todas as coisas – é que a folha de papel que seguramos nas mãos está relacionada com a nuvem, a nuvem com a chuva, a chuva que cai com as árvores, a árvore com o papel que ela fornece, o papel com o livro que lemos. Existe uma ruptura nesse pensamento quando não conseguimos mais conectar aquilo que está próximo com a origem.

Eduardo – Porque as cadeias de mediação ficaram muito longas, como diria o Bruno Latour. No mundo pré-moderno as cadeias de mediação são curtas. Na primeira vez que visitei uma aldeia indígena, a primeira coisa que eles me perguntavam era: “Essa tua camisa foi você que fez?” Eu respondia: “Não.” “Essa calça foi você que fez?”. “Não.” E essas não eram perguntas críticas, eram perguntas de curiosidade. “Essa máquina fotográfica foi você que fez?”. “Não.” “Então, quem fez?”. Eu respondia: “Os japoneses.” “E esse caderno, você que fez?” “Não.” “Você não fez nada que você está usando?”. Eu falei: “Não.” E imediatamente percebi que, realmente, nada do que eu carregava comigo foi feito por mim. No caso dos índios, tudo o que eles tinham era feito por eles próprios ou por alguém que eles conheciam: eles sabiam quem tinha feito. Não é que eles tinham feito tudo, mas se eu perguntava: “E esse teu arco, foi você que fez?”. Ele falava: “Não, mas foi meu cunhado, aquele ali, olha”. Ou seja, a nossa relação com tudo é muito longa, não nós sabemos mais.

Michelle – Essa é uma grande crise que contamina todos os campos. Em 2013, eu estava dando uma aula na faculdade de arquitetura para alunos do primeiro semestre, e entre uma década que separa a minha saída da faculdade desses alunos, penso no que o modernismo acarretou para a formação em arquitetura: a consolidação do modelo tecnicista. A arquitetura transformou-se em um conhecimento exclusivamente sobre a forma e não mais uma forma de conhecimento que também pode ser aplicado à forma. O modernismo implicou a supressão do pensamento da função primordial do arquiteto como um pensador do espaço e deu vazão ao automatismo do técnico-executor. O domínio do significado do elemento “porta”, por exemplo, foi perdido. Pensar o significado da porta tornou-se menos importante do que nos impõe o domínio tecnicista: precisamos saber sobre o marco da porta, o material da porta, a fechadura da porta, mas resgatar o sentido da porta, a função da porta, para então pensar o seu lugar, é algo que está cada vez mais difícil de resgatar. O pensamento filosófico da arquitetura (e podemos imaginar isso em outros campos também) foi substituído pelo automatismo da produção.

Daniel – É como aquele livro do Jared Diamond : *Armas, Germes e Aço: Os Destinos das Sociedades Humanas*⁶.

Eduardo – Os antropólogos têm horror desse livro, eu não li, ainda, nem os seguintes do mesmo autor. Diamond é, para os antropólogos, um dileitante que pontifica sobre o que não entende.

⁶ Diamond, Jared. *Armas, Germes e Aço: Os Destinos das Sociedades Humanas*. Record: São Paulo, 2001.

Déborah – Tem muita coisa sendo escrita sobre esse assunto, cada vez mais coisas. Eu fui procurando aqui enquanto a gente falava, mas a gente não acha mais porque os nossos livros estão todos fora de ordem.

Eduardo – Tem livro demais.

Déborah – Eu procuro, mas acabo desistindo.

Eduardo – Não achamos mais nada, estamos vivendo a biblioteca de Babel. Às vezes eu fico com preguiça por causa disso, tem tanta coisa pra ler, por que você vai escrever mais uma coisa? Tem tanta coisa que você não leu.

Daniel – Eu vi um curta na TV, de um cara que tem que fazer uma música pra um comercial, ele está em crise, tem um branco criativo total e tenta fazer várias coisas mas nada acontece. No dia da apresentação, ele tem uma iluminação e fala: “Nossa! Essa música é foda!”. Então ele compõe durante a noite inteira e, no dia seguinte, vai para a apresentação do projeto, coloca o CD e o som é *Satisfaction*. O cara está super feliz, mas todo mundo olha para ele com uma cara de: “Que porra é essa?”

Déborah – Esse é também um conto do Jorge Luís Borges, não é?

Eduardo – *Pierre Menard, o autor do Quixote*.

Déborah – Pierre Menard, que é um cara que escreve um *Dom Quixote* que é um outro *Dom Quixote*, só que é igual.

Eduardo – E é o que ele quer, ele vai reescrever o *Dom Quixote* de Cervantes, mas sem copiar. Pra isso ele vai viver a vida do Cervantes. E faz isso de propósito. E o mais interessante é que *Satisfaction* foi composta assim! *Satisfaction* foi composta pelo Keith Richards enquanto ele estava dormindo; ele acordou no meio da noite, tocou os quatro primeiros acordes, botou um gravador, ligou o gravador, tocou e foi dormir de novo. E esqueceu. Acordou no dia seguinte e não lembrava de nada, aí ele ligou o gravador e estava lá uma música, ele falou: “Interessante essa música”.

Michelle – Que ótima essa história!

Déborah – Se é pra ter catástrofe que pelo menos seja desse jeito, com essas coisas acontecendo.

Eduardo – Como diria Maiakovski, é melhor morrer de vodka do que de tédio.

Déborah – Porque morrer por causa de spray de agrotóxico, plantando semente da Monsanto, é mais triste, não é?

Daniel – Ah, e o gravador.

Eduardo – Sim, o gravador.

[Risos]